

**A INFLUÊNCIA DO INPUT NA PRODUÇÃO INFANTIL DE PERGUNTAS-QU EM PORTUGUÊS BRASILEIRO***THE EFFECT OF INPUT IN THE CHILD PRODUCTION OF WH-QUESTIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE*Clariana Lara Vieira<sup>1</sup>**RESUMO**

No português brasileiro (PB), podemos fazer perguntas movendo o elemento interrogativo à esquerda (“O que o gato comeu \_\_?”) ou mantendo-o *in situ* (“O gato comeu o quê?”). As estratégias parecem, à primeira vista, opcionais e o QU-*in situ* é reportado como uma estratégia produtiva no PB paulistano adulto (LOPES-ROSSI, 1996; OUSHIRO, 2012). Todavia, estudos com base no PB paulistano infantil espontâneo observam que as crianças quase nunca (ou nunca) produzem essa opção (SIKANSI, 1999; GROLLA, 2000; GROLLA, 2009). Já no dialeto falado em Vitória da Conquista (BA), observado por Lessa-de-Oliveira (2003), a construção emerge bem cedo na fala das crianças, sendo o mais utilizado no *input* recebido por elas. Para a autora, as crianças seguem um percurso de aquisição das estruturas interrogativas guiado por sua frequência no *input*. Com o objetivo de explorar a ordem de emergência das estratégias interrogativas na fala infantil e comparar ao *input* recebido pelas crianças, observamos um *corpus* de dados naturalísticos de cinco crianças falantes de PB paulistano, com faixa etária entre 1;02.28 e 4;11.12. Em nossos dados, as crianças preferiram o QU-movido, enquanto os adultos optaram mais vezes pelo QU-que. Além disso, o QU-*in situ*, sendo a estratégia menos utilizada pelas crianças, no geral, foi produtiva na fala adulta. Os resultados indicam que uma alta frequência no *input* de dada construção não induz necessariamente a sua maior produtividade na fala infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perguntas-QU. QU-*in situ*. Aquisição. *Input*. Dados espontâneos.

**ABSTRACT**

In Brazilian Portuguese (BrP), Wh-questions can be formed by moving the interrogative phrase (“What did the cat eat \_\_?”) or keeping it *in situ* (“The cat ate what?”). The strategies seem, at first sight, optional and the Wh-*in situ* is reported as a productive strategy in BrP “paulistano” (dialect spoken in São Paulo) (LOPES-ROSSI, 1996; OUSHIRO, 2012). However, studies based on spontaneous data from children speaking BrP “paulistano” note that they almost never (or never) use this option (SIKANSI, 1999; GROLLA, 2000; GROLLA, 2009). As for the dialect spoken in Vitória da Conquista (BA), studied by Lessa-de-Oliveira (2003), the construction emerges rather early in children speech, being the most produced one in the input received by them. For the author, children follow the acquisition path of Wh-questions guided by the frequency found in the input. Aiming to explore the emergency of Wh-questions in child speech, comparing it to the input received by them, we studied a *corpus* of spontaneous speech of five children speaking BrP “paulistano”, between the ages 1;02.28 and 4;11.12. In our data, children preferred the moved-Wh, while adults opted more often for the Wh-que question. Furthermore, the Wh-*in situ*, being the least produced strategy by children was, overall, productive in adult speech. The results suggest that a high frequency in the input of a given construction does not, necessarily, amounts to a larger productivity in child speech.

**KEYWORDS:** Wh-questions. Wh-*in situ*. Acquisition. *Input*. Spontaneous data.

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP), [clariana.lvieira@gmail.com](mailto:clariana.lvieira@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0001-6021-6231>.

## Introdução

As perguntas-QU, ou seja, as interrogativas que utilizam pronomes interrogativos, como *onde*, *como*, *o que*, entre outros, são um tema de bastante interesse para a Linguística, visto que as línguas naturais se comportam de formas distintas quanto à possibilidade ou não do movimento interrogativo. Em línguas como o inglês, o constituinte-QU deve obrigatoriamente se mover para a periferia esquerda da sentença; já em línguas como o japonês, este elemento deve permanecer *in situ* para que a sentença seja gramatical<sup>2</sup>; mas há também línguas em que ambas as opções são permitidas - ou o elemento-QU permanece *in situ* ou ele é movido - como é o caso do português brasileiro (doravante PB), francês, espanhol, entre outras línguas.

Em línguas de movimento-QU obrigatório, como o inglês, as crianças parecem logo cedo perceber que sua língua obriga o fronteamto do constituinte interrogativo. Guasti (2000) examinou as transcrições de quatro crianças falantes de inglês com idades entre 1;06 e 5;01 anos e, de todas as 2.809 perguntas-QU produzidas, em apenas 1% delas foi empregado o QU-*in situ* com interpretação majoritariamente eco<sup>3</sup>. Também em línguas de movimento-QU proibido, como o chinês, as crianças reconhecem logo cedo que devem fazer perguntas com elemento-QU *in situ*. Chang (1992) notou que as perguntas com palavra interrogativa surgiram a partir do segundo estágio de aquisição (MLU entre 1.75 e 2.25) e estas nunca eram produzidas com o deslocamento do constituinte-QU.

Em línguas de movimento-QU obrigatório e proibido, no geral, as crianças não parecem ter dificuldade em reconhecer, logo nos primeiros estágios de aquisição, o que sua gramática alvo permite, produzindo consistentemente o QU-movido em línguas como o inglês e o QU-*in situ* em línguas como o chinês. Nelas, a definição do parâmetro como [+ movimento-QU] ou [- movimento-QU] parece mais clara para as crianças. Quando passamos, entretanto, para línguas de movimento-QU opcional, esta definição depende de um *input* ambíguo, em que a criança entra em contato tanto com perguntas com movimento-QU, como com perguntas sem movimento-QU.

No dialeto paulistano do PB, temos quatro formas de realizar perguntas-QU: **QU-movido**, com movimento do elemento interrogativo (1a); **QU-que**, com movimento e inserção do complementizador “que” (1b); **QU-é-que**, com movimento e acréscimo da cópula “é-que” (1c); e **QU-*in situ***, com permanência do elemento interrogativo em sua posição de base.

<sup>2</sup> Japonês é tipicamente uma língua de QU-*in situ*. No entanto, conforme aponta Li (2021), ela também permite o *scrambling*, o que faz com que o constituinte-QU apareça à esquerda ou à direita de sua posição canônica, resultando em palavras-QU em posição inicial da sentença, sem, contudo, terem sofrido movimento, como acontece em línguas como o inglês.

<sup>3</sup> As perguntas-eco podem por vezes tomar a forma com elemento interrogativo *in situ*, todavia, diferente do QU-*in situ* comum, não requerem novas informações. Elas são produzidas em contextos em que o falante não ouviu bem a sentença anterior, ou está surpreso ou espantado com o que foi dito. A pergunta-eco feita pelo falante B no exemplo abaixo tem características bem específicas: a entonação marcadamente ascendente (representada pelas letras maiúsculas) e o fato de o falante não estar necessariamente pedindo novas informações, e sim uma confirmação do que foi dito. Estes aspectos diferenciam a pergunta-eco de uma pergunta com QU-*in situ* normal, que de fato pede novas informações.

A: Eu comprei um avião.

B: Você comprou O QUÊ?

- |     |    |                                       |                    |
|-----|----|---------------------------------------|--------------------|
| (1) | a. | <b>O que</b> a Maria comeu ___?       | QU-movido          |
|     | b. | <b>O que que</b> a Maria comeu ___?   | QU-que             |
|     | c. | <b>O que é que</b> a Maria comeu ___? | QU-é-que           |
|     | d. | A Maria comeu <b>o quê</b> ?          | QU- <i>in situ</i> |

Na fala adulta, Lopes-Rossi (1996, p. 68) coletou dados espontâneos e reportou uma frequência de 32,4% de QU-*in situ* no *corpus* televisivo<sup>4</sup> e 12,5% em entrevistas com oito informantes do NURC/SP. Oushiro (2012, p. 57), a partir de uma amostra do dialeto paulistano composta por 53 entrevistas sociolinguísticas, observou a seguinte distribuição: 28,9% de QU-movido; 40,8% de QU-que; 7,5% de QU-é-que; e 22,7% de QU-*in situ*, de um total de 999 dados. A partir desses dados, é possível concluir que o QU-*in situ* é, em geral, produtivo na fala adulta.

Dada a aparentemente opcionalidade entre as estratégias de pergunta, é esperado que o QU-*in situ* seja o preferido nos primeiros estágios de desenvolvimento linguístico da criança, uma vez que a estrutura aparentemente não envolve movimento do elemento-QU e, portanto, é derivacionalmente mais econômica. Além disso, conforme vimos acima, esta é uma construção produtiva na fala adulta. No entanto, não é isso que notamos nos dados infantis: Sikansi (1999, p. 99), por exemplo, observou dados longitudinais de uma criança entre 2;04 e 3;10 anos de idade e notou que em todo o *corpus* não houve ocorrências de QU-*in situ* na fala da criança.

As perguntas que se impõem agora são: caso as construções sejam, de fato, opcionais, o que leva a criança a rejeitar a estratégia supostamente mais econômica, sendo ela produtiva na fala adulta? Como a criança deve se portar diante dos dados que recebe do ambiente? A preferência dela recairá sobre alguma das opções? Alguma das estratégias será adquirida antes? Neste artigo, pretendemos investigar se o *input* oferecido às crianças corresponde ao que Lopes-Rossi (1996) e Oushiro (2012) relatam em seus estudos com PB adulto e se a frequência na fala dirigida à criança pode explicar esta suposta assimetria entre os dados infantis e adultos, observada a partir de dados espontâneos do PB paulistano. Para tanto, este artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, trataremos da assimetria entre o PB paulistano infantil e adulto, considerando estudos feitos com base em dados espontâneos; na segunda seção, discutiremos a provável influência do *input* na produção de perguntas-QU pelas crianças brasileiras, considerando trabalhos feitos com base no PB paulistano e no dialeto falado em Vitória da Conquista (BA); na terceira seção, apresentaremos o *corpus* de dados espontâneos utilizado na pesquisa; na quarta seção, discutiremos os resultados e; por fim, na quinta seção, traremos as considerações finais. Não pretendemos, com isso, encerrar a discussão, visto que outras possibilidades se impõem. Por isso, ao fim do artigo traremos outra hipótese que poderia contribuir para esta explicação.

<sup>4</sup> Os dados televisivos utilizados por Lopes-Rossi (1996) foram coletados de programas de televisão, em interações espontâneas, como entrevistas na rua e debates ao vivo.

## 1. Assimetria entre o PB paulistano adulto e infantil

No PB, conforme vimos acima, a estratégia com QU-*in situ* é possível em perguntas genuínas e produtiva na fala adulta, segundo sugerem Lopes-Rossi (1996) e Oushiro (2012). Entretanto, os dados infantis apontam em uma outra direção. Além do estudo de Sikansi (1999, p. 99), que não encontrou nenhuma pergunta com QU-*in situ* em um total de 124 perguntas produzidas pela criança observada, os dados reportados por Grolla (2000, 2009) também indicam uma assimetria com os dados adultos.

Grolla (2000, p. 41) observou a fala espontânea de uma criança com idade entre 2;0 e 4;0 anos. Das 520 perguntas-QU produzidas por ela, apenas 1,7% das ocorrências foi de QU-*in situ*, enquanto o QU-movido foi realizado em 66% das interrogativas, o QU-que em 29,4% e o QU-é-que em 2,9%. A autora também notou o quão tardia foi a emergência do QU-*in situ* nos dados infantis, uma vez que as poucas observações da estratégia se deram apenas a partir dos 3;9 anos, embora ela tenha demonstrado conhecer construções bem mais sofisticadas já a partir dos 2 anos e meio. A criança, por exemplo, produziu nessa idade a primeira estrutura de tópico-comentário “Tudo você tem”; e com 2;6 anos sua primeira sentença clivada, “O papai que jogou fora...no lixo...aqui”. Ainda mais complexa foi a primeira oração relativa que apareceu no *corpus* aos 2;10 anos. Em outras palavras, a criança observada produziu orações bem mais complexas que o QU-*in situ*, que à primeira vista não apresenta nenhuma operação de movimento, muito antes de a primeira ocorrência desta construção emergir em seus dados. Mais tarde, Grolla (2009, p. 9) observou a fala espontânea de mais uma criança, com idade entre 1;10 e 5;6 anos, e esta produziu novamente pouquíssimos dados de QU-*in situ* - apenas 7 ocorrências de um total de 412 perguntas-QU (1,7%) - e a estrutura emergiu nos dados somente a partir dos 3;11 anos de idade.

Um outro estudo que se utilizou de dados espontâneos em sua análise foi o de Silveira (2011) que observou amostras transversais e longitudinais, de 17 e 6 crianças, respectivamente, com faixa etária entre 1;10 e 5;0 anos de idade. Os dados foram coletados no Rio de Janeiro e em São Paulo e o autor encontrou ocorrências de QU-*in situ* já a partir de 2;04 anos. Silveira (2011) não apresenta em seu trabalho a frequência da construção na fala das crianças observadas, mas constatou uma aquisição não tão tardia da estrutura em relação àquela reportada por Grolla (2000, 2009): em seu *corpus* houve ocorrências de QU-*in situ* já a partir de 2;04 anos<sup>5</sup>. Ainda assim, o QU-*in situ* emergiu, segundo o autor, de forma tardia em relação às outras estratégias e estruturas A-barras mais sofisticadas, seguindo a ordem: QU-movido > QU-que > QU-é-que/QU-*in situ* (SILVEIRA, 2011, p. 185), também sugerida por Grolla (2000).

<sup>5</sup> O autor não relata uma diferença dialetal entre as crianças falantes do dialeto paulistano e carioca, contudo é possível que esta emergência precoce tenha ocorrido na fala das cariocas, mas não das paulistanas. Entretanto, esta diferença entre os achados de Grolla (2000, 2009) e Silveira (2011) pode ter ocorrido, mais provavelmente, conforme veremos a partir de nossos dados, por ordem do acaso: nas gravações analisadas por Grolla, acidentalmente, não ocorreram construções do tipo antes dos 3;9 anos.

Outro dado interessante do PB foi reportado por Vieira (2018, p. 115). A pesquisadora aplicou um teste de produção eliciada com crianças na faixa etária de 4;6 a 5;6, cujo objetivo era investigar o comportamento delas na produção de perguntas em um contexto de antecedente discursivo saliente, que, teoricamente, aumentaria as chances de produção do QU-*in situ*, conforme apontam Pires e Taylor (2007, p. 3). Segundo esperado, os adultos que formavam o grupo controle produziram 648 perguntas com QU-*in situ* dentre todas as estratégias de pergunta - totalizando 43,9% - e as crianças, 173 perguntas - totalizando 20,6%. Este estudo mostrou que, dado o contexto adequado para emergência da estrutura, as crianças a utilizam em taxas produtivas e com ele foi possível observar crianças produzindo uma alta frequência do QU-*in situ*, em comparação aos dados espontâneos antes observados na literatura. Ainda assim, os adultos empregaram a construção em aproximadamente o dobro de oportunidades. Os resultados de Vieira (2018), então, sugerem que as crianças nessa faixa etária já possuem a estrutura em sua gramática, mas ainda a utilizam pouco em relação ao adulto, preferindo outras estratégias que envolvam o movimento do elemento-QU.

Esta assimetria entre os dados adultos e infantis é observada também no francês, embora de forma completamente oposta: as crianças adquirindo esta língua começam a produzir o QU-*in situ* logo nos primeiros estágios de aquisição e esta é a estrutura interrogativa preferida por elas (em média 81,6%, conforme reportado por HAMANN (2006, p. 162)). No entanto, esta forma não é produtiva na fala adulta, totalizando 5% das construções, de acordo com Zuckerman (2001, p. 101). Segundo o autor, a criança tende a preferir a opção menos custosa nos primeiros estágios de aquisição e mais tarde, quando nota outras opções mais pragmaticamente aceitáveis em seu *input*, passa a produzi-las, aproximando-se da gramática adulta (ZUCKERMAN, 2001, p. 53). Isso, porém, não poderia ser verdadeiro para o PB, posto que a construção supostamente mais econômica - o QU-*in situ* - não é a mais produtiva na fala infantil e nem a primeira estratégia interrogativa a emergir nos dados, o que levou Kato (2004, 2013) a concluir que talvez nosso QU-*in situ* não seja, de fato, tão econômico quanto parece ser<sup>6</sup>.

## 2. Influência do *input*

Considerando que os dados de Lopes-Rossi (1996) e Oushiro (2012) sugerem uma produtividade do QU-*in situ* na fala adulta, resta explicar por que as crianças ainda evitam massivamente a construção no dialeto paulistano, distanciando-se do adulto. Uma explicação razoável seria postularmos uma

<sup>6</sup> Para Kato (2004, 2013), há dois tipos de perguntas-QU com o elemento interrogativo *in situ*: as perguntas genuínas, que de fato pedem novas informações e que possuem entonação descendente; e as perguntas-eco, que não são pedidos de informações e que possuem entonação marcadamente ascendente, similar à das perguntas sim/não. Segundo a autora, a pergunta-eco é o QU-*in situ* canônico, ou seja, nesta forma interrogativa o elemento-QU permanece verdadeiramente *in situ*. Por sua vez, a pergunta comum apresenta um falso *in situ*, envolvendo, na realidade, dois movimentos: um curto do elemento-QU para uma posição baixa de FocP para checagem do traço-QU e um segundo movimento remanescente de IP, conforme derivação abaixo:

Você viu quem?

a. [FocP **quemi** [vP você viu ti]]

b. [CP [IP **você viu** [FocP quem [vP ...

diferença no que diz respeito ao emprego de perguntas-QU entre o que os adultos produzem em entrevista com outros adultos, como é o caso do banco de dados NURC/SP ou da fala televisiva, de onde Lopes-Rossi (1996) coletou o *corpus* analisado, e o que eles empregam em sua fala dirigida à criança. Se este for o caso, não é possível comparar a fala infantil a um estudo como o de Lopes-Rossi, pois seu *corpus* não equivaleria a dados de um *input* em potencial. Ou seja, se os adultos produzem junto a seus pares muito mais QU-*in situ* do que produziriam com uma criança, haverá então uma diferença entre o que a criança ouve e a fala não dirigida a ela. Por esse motivo, esperamos encontrar, neste trabalho, dados interessantes comparando as produções da criança e a fala dirigida a ela.

Este ponto foi considerado por Lessa-de-Oliveira (2003), ao investigar as perguntas-QU de duas crianças - Luana e Ester - adquirindo o dialeto falado em Vitória da Conquista, Bahia e com idades entre 18 e 30 meses. A pesquisadora notou um cenário bastante diferente daquele reportado no PB paulistano. Enquanto nos achados de Sikansi (1999) e Grolla (2000, 2009), as crianças não produziram nada ou quase nada de QU-*in situ* em suas interrogativas, no dialeto analisado por Lessa-de-Oliveira, a construção emergiu nos dados de Luana a partir de 1;07.09 ano de idade e foi produzida em abundância em seu *input*, totalizando 81,7% das perguntas-QU; enquanto na fala de Ester a construção surgiu um pouco mais tarde, aos 1;09.06, após a estratégia com QU-movido, sendo menos frequente em seu *input*, totalizando 53,5% das construções (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2003, p. 412). Os resultados sugerem, assim, que a variação dialetal exerce influência sobre a aquisição das interrogativas de constituinte pelas crianças brasileiras. Além disso, para a autora, a frequência com que a construção aparece no *input* desempenha papel fundamental na definição da ordem de emergência das estratégias, tendo em vista que o QU-*in situ*, forma interrogativa a primeiro surgir na fala das crianças de Vitória da Conquista, é também a forma mais frequente no *input* recebido. Para ela, então, as crianças seguem um percurso de aquisição das estruturas interrogativas guiadas por sua frequência no *input*: a estratégia mais empregada no *input* emerge primeiro na fala infantil, sendo também mais frequente nos primeiros meses de desenvolvimento linguístico.

Os resultados de Grolla (2000, 2009) e de Lessa-de-Oliveira não podem ser comparados, uma vez que são frutos de dialetos que se comportam de maneiras distintas no que concerne às perguntas-QU: enquanto no dialeto baiano, aceita-se a construção *non-D-linked* “que diabo” (e variações dela) em posição *in situ*, no dialeto paulistano, a consideramos bastante degenerada. Além disso, Lessa-de-Oliveira relata também a observação da estrutura “é-QU-que”, como em “É o que que ele quer?”, que não encontramos no dialeto paulistano. Desse modo, Grolla (2009, p. 13) assume que se trata de estruturas distintas com suas respectivas particularidades, sendo a construção falada na Bahia mais econômica do que a falada em SP, por esta envolver dois movimentos (KATO, 2004, 2013), sendo aquela verdadeiramente *in situ*.

A variação tão diferente encontrada no *input* dos dois dialetos pode explicar esta assimetria na ordem de emergência das construções na fala das crianças observadas. Sikansi (1999, p. 99), por exemplo, não encontrou nenhum QU-*in situ* em todo o *corpus* analisado e em seu *input* observou

apenas 3,75% da construção. Grolla (2000, p. 41) encontrou na fala de L. apenas 7 ocorrências de perguntas com QU-*in situ* (1,7%), a partir de 3;11 anos de idade, enquanto em seu *input* observou 67 ocorrências da estrutura (9,3%). Parece-nos, então, que o QU-*in situ* no *input* das crianças observadas por Sikansi e Grolla não é tão produtivo quanto nos achados de Lopes-Rossi (1996) e de Oushiro (2012). É possível considerar que na fala dirigida à criança os adultos privilegiem o uso do QU-movido, em oposição ao QU-*in situ*; ou também que haja variações individuais no uso das estruturas, que influenciam, por sua vez, a preferência das crianças. Tendo isso em vista, observamos a produção espontânea de 5 crianças, com faixa etária entre 1;02.28 e 4;11.12, comparando à fala dos adultos que interagem com elas, a fim de identificar, dentre outras coisas, o papel do *input* na produção do QU-*in situ* pelas crianças.

### 3. Apresentação do *Corpus*

O *corpus* analisado neste estudo consiste em amostras longitudinais de cinco crianças, com faixa etária entre 1;02.28 e 4;11.12, gravadas em 213 sessões com duração média de 30 minutos cada, padronizadas seguindo dados da plataforma CHILDES (MACWHINNEY, 2000). O material coletado faz parte de dois projetos: (i) Projeto de aquisição do ritmo em português brasileiro (Santos, 2005), contendo transcrições das crianças Luana, Leonardo, Túlio e Maria Eliza; (ii) CEDAE, organizado pela Profa. Dra. Cláudia de Lemos (UNICAMP) e cedidos à Profa. Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes (UNICAMP) pelo antigo CEAAL da PUCRS, contendo as transcrições da criança Raquel.

As perguntas, coletadas a partir de transcrições de áudios, foram produzidas em situações cotidianas das crianças em interação com os adultos, geralmente envolvidas em atividades como leituras de livros, brincadeiras diversas, alimentações, entre outros. Neste trabalho, foram consideradas também as falas espontâneas dirigidas às crianças produzidas pelos adultos, que fazem parte do *input* - mais frequentemente mãe, pai, investigador, babás ou irmãos mais velhos. Para esta análise, foram excluídas as sentenças agramaticais, indiretas, com entonação eco ou frutos de repetição.

### 4. Resultados

Em nosso estudo, foram coletadas 8.450 perguntas-QU, sendo 906 produzidas pelas 5 crianças e 7.544 pelos 17 adultos com quem elas interagiram ao longo das gravações.

As perguntas com QU-movido e QU-que foram as primeiras estratégias a emergirem na fala de todas as cinco crianças. A coleta de dados de Leonardo e Túlio começa a partir dos 2 anos e, por isso, é possível especular que a emergência dessas estruturas tenha se iniciado bem antes das primeiras sessões gravadas. Na fala de Raquel e de Luana o QU-que foi a primeira estrutura a emergir nos dados, seguida do QU-movido, apesar de na fala de Raquel a emergência desta última ter sido tardia (apenas aos 2;09.10). Este fato, contudo, não pode ser explicado pela ausência da estrutura na gramática da criança ou por uma aquisição tardia, mas sim pela baixa frequência de perguntas-QU em seus dados, visto que ela produziu apenas 15 perguntas-QU no total. A forma com QU-é-que

apareceu tardiamente no *corpus* de Leonardo e Túlio, mas emergiu já aos 2;04.09 na fala de Luana e aos 2;10.14 na de Raquel. Por fim, o *QU-in situ*, embora não tenha surgido nos dados de Raquel e Maria Eliza, emergiu relativamente cedo no *corpus* de Leonardo, Túlio e Luana, se comparado aos achados de pesquisas anteriores (SIKANSI, 1999; GROLLA, 2000; GROLLA, 2009) - aparecendo nos dados já aos 2;03.01 anos de idade.

**Tabela 1:** Idade de emergência das perguntas-QU na fala das crianças observadas (N=5)

Estratégia	Raquel	Leonardo	Túlio	Maria E.	Luana
<b>QU-movido</b>	2;09.10	2;00.14	2;00.07	1;08.24	2;01.04
<b>QU-que</b>	1;06.22	2;00.14	2;00.07	1;08.24	1;07.12
<b>QU-é-que</b>	2;10.14	3;08.16	3;02.04	-	2;04.09
<b>QU-in situ</b>	-	2;03.01	2;10.11	-	2;05.07

Fonte: elaboração da autora

Considerando agora a frequência das construções interrogativas na fala das cinco crianças, temos o seguinte cenário:

**Tabela 2:** Frequência das perguntas-QU na fala das crianças observadas (N=5)

Estratégia	Raquel	Leonardo	Túlio	Maria E.	Luana
<b>QU-movido</b>	46,7%	57,6%	70,3%	57,7%	77,5%
<b>QU-que</b>	40%	30,4%	27,8%	42,3%	19,2%
<b>QU-é-que</b>	13,3%	2,4%	1,7%	0%	2%
<b>QU-in situ</b>	0%	9,6%	0,2%	0%	1,3%
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaboração da autora

Todas as crianças produziram, no geral, mais *QU-movido*. A segunda estratégia mais utilizada foi o *QU-que*. O *QU-é-que*, quando realizado, foi a terceira estratégia mais empregada por três das quatro crianças e o *QU-in situ* foi mais utilizado que o *QU-é-que* apenas por Leonardo, que foi a criança que mais produziu a construção e a única em cujos dados a estratégia foi de fato produtiva.

Comparando individualmente cada criança ao *input* recebido - tabelas 2 e 3 - notamos alguns pontos importantes: a criança **Raquel**, por exemplo, privilegia o uso do *QU-movido* e, em seguida, do *QU-que*, não produzindo sequer uma pergunta de *QU-in situ*, enquanto em seu *input* a construção preferida é o *QU-que* (segunda estratégia mais utilizada pela criança) e o *QU-in situ* é razoavelmente produtivo; já o **Leonardo** é a única criança que segue seu *input* - a construção mais produzida por ele é também a mais produtiva no *input* (*QU-movido*) e a menos utilizada é também a menos frequente na fala adulta (*QU-é-que*); **Túlio**, por sua vez, utiliza mais frequentemente o *QU-movido*, embora em seu *input* a escolha recaia sobre o *QU-que*, e produz menos frequentemente o *QU-in situ*, estratégia também menos frequente na fala dos adultos com quem interage; a criança **Maria Eliza**, assim como

todas as outras, produz mais QU-movido, embora em seu *input* a preferência recaia sobre o QU-que e não produz nenhuma pergunta com QU-*in situ*, sendo a terceira estratégia mais empregada pelos adultos; por fim, **Luana** produz majoritariamente o QU-movido, sendo a segunda estratégia mais produtiva em seu *input* - esta com apenas 16% das construções na fala adulta, bem próxima do QU-é-que e QU-*in situ* - enquanto o QU-*in situ* é a forma menos frequente, sendo também a menos empregada no *input*.

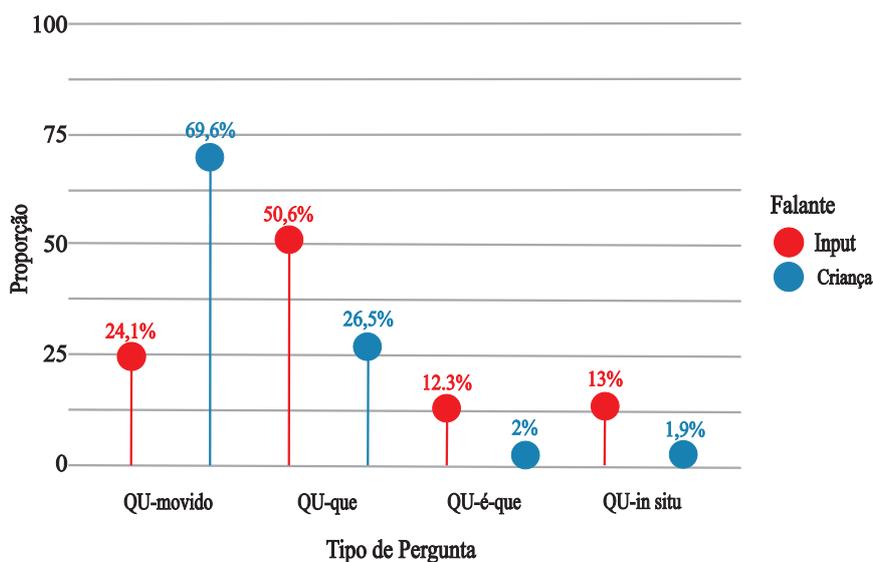
**Tabela 3:** Frequência das perguntas-QU no *input* (N=17)

Estratégia	Raquel (I)	Leonardo (I)	Túlio (I)	Maria E. (I)	Luana (I)
QU-movido	25,1%	35,8%	30,5%	22,1%	16%
QU-que	44,5%	31,4%	43,6%	63%	56,4%
QU-é-que	13,5%	13%	13,4%	5,9%	14,8%
QU- <i>in situ</i>	16,9%	19,8%	12,5%	9%	12,8%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaboração da autora

Comparando agora aos dados adultos, no gráfico abaixo, notamos que o QU-movido foi produzido pelas crianças em 69,6% das ocorrências, enquanto os adultos empregaram-no em 24,1% dos casos. Inversamente, o QU-que foi empregado pelas crianças em 26,5% das perguntas, embora os adultos o tenham utilizado em 50,6% dos dados. Quanto ao QU-é-que, as crianças o produziram em 2% das ocorrências, enquanto os adultos o fizeram em 12,3%. Por fim, o QU-*in situ* foi mais produtivo somente na fala adulta, totalizando 13% dos dados, enquanto na fala infantil foi empregado apenas em 1,9% das perguntas-QU.

**Gráfico 1:** Comparação entre as estratégias de perguntas-QU empregadas e os grupos etários



Fonte: elaboração da autora

Os adultos, então, produziram mais o QU-que, diferente do que se observou na fala das crianças. A segunda estratégia mais empregada foi o QU-movido, ficando em terceiro lugar o QU-é-que e o QU-*in situ*. Os dados sugerem, então, que a preferência do adulto segue a ordem em (i), enquanto as crianças seguem a ordem em (ii):

(i) QU-que > QU-movido > QU-*in situ* / QU-é-que

(ii) QU-movido > QU-que > QU-é-que / QU-*in situ*

Apartir dos dados acima, não é possível concluir que a produção infantil é guiada diretamente pela construção mais frequente em seu *input*. Enquanto os adultos com quem elas interagiam empregaram mais vezes o QU-que, as crianças produziram majoritariamente o QU-movido. E, apesar de o QU-*in situ* ter sido uma estratégia relativamente produtiva na fala adulta, as crianças pouco a produziram, sendo esta a menos frequente em seus dados, como podemos visualizar a partir do gráfico acima. Mesmo considerando individualmente as crianças e seu *input* recebido, não é possível traçar um paralelo direto entre as preferências adultas e as produções infantis: mesmo que o Leonardo, a criança que mais produziu QU-*in situ* tenha sido também a que mais o ouviu, a Raquel, a segunda que mais teve contato com a construção em seu *input*, não produziu nenhuma pergunta do tipo. Além disso, nenhuma delas acompanha a preferência do adulto pelo QU-que, produzindo todas majoritariamente o QU-movido.

## Considerações finais

A partir dos resultados acima, não é possível concluir que as crianças seguem diretamente o *input* ao qual estão expostas em sua aquisição de perguntas-QU, preferindo majoritariamente o QU-movido e desfavorecendo o uso de QU-*in situ* e QU-é-que, corroborando, assim, os achados de Grolla (2009) e Silveira (2011). Os resultados indicam, com isso, que uma alta frequência no *input* de dada construção não induz necessariamente a sua maior produtividade na fala infantil. Além disso, os resultados apontam para uma diferença dialetal entre o PB falado em São Paulo e o falado em Vitória da Conquista: de fato, parece que os dialetos se comportam de maneiras distintas no que concerne às perguntas-QU - enquanto em São Paulo as crianças pouco produzem a construção com QU-*in situ*, no dialeto baiano ela é uma construção produtiva e a primeira a emergir nos dados de uma das crianças observadas por Lessa-de-Oliveira (2003).

Um ponto importante a se considerar e que nos leva a não descartar completamente o efeito do *input* na produção infantil é que em nossos dados tanto as crianças como os adultos preferiram majoritariamente o movimento do elemento interrogativo ao invés de sua permanência *in situ*. Em uma análise alternativa, poderíamos pensar que, em um contexto que já favorece a produção de QU-movido, o *parser* inicia a geração de uma estrutura com movimento, procedendo à seleção dos itens lexicais, incluindo aí os itens “que” ou “é que”. Assim, se considerarmos que a produção das sentenças

envolveria um *parser* que primeiro escolhe a estratégia e depois seleciona itens na Numeração, as contrapartes com QU-que e QU-é-que poderiam ser consideradas junto ao QU-movido, como uma classe única. Considerando que 98,1% das perguntas infantis foram realizadas com movimento do elemento interrogativo (seja com ou sem o preenchimento do complementizador ou da cópula) e esta foi também a preferência dos adultos - 87% do total de perguntas-QU - é possível prever, então, que nos primeiros estágios a criança seja “cega” aos itens lexicais como “que” e “é que”, percebendo apenas que sua língua produz o elemento interrogativo à esquerda. Nesta abordagem, a criança seria sim guiada pelo *input* que recebe. E então, se o que estiver em jogo é o movimento do elemento-QU (englobando nesta classe o QU-movido, o QU-que e o QU-é-que) em oposição ao não movimento (QU-*in situ*), isso explicaria também os dados de Lessa-de-Oliveira (2003): as crianças notariam que em seu *input* as perguntas são majoritariamente produzidas com o elemento-QU *in situ*, marcando o parâmetro como [- movimento-QU].

Todavia, isso nem sempre acontece. A título de exemplo, Yang (2015), a partir de um *corpus* robusto do inglês infantil contendo 3 milhões de palavras, observou que palavras irregulares bastante frequentes são tão suscetíveis a passarem por erros de sobre-regularizações quanto palavras menos frequentes: por exemplo, *blew* foi regularizado como “blowed” em 41% das vezes, *drank* foi produzido como “drinked” em 33%, e *feet* como “feets” em 3% - *blew* foi a palavra mais sobre-regularizada, embora tenha sido bastante frequente no *input* recebido pela criança. Em outras palavras, uma alta frequência das formas no *input* não impediu que as crianças cometessem erros de regularização; elas continuam cometendo os mesmos erros mesmo tendo ouvido mais vezes as formas corretas. Além disso, no francês, as crianças começam a produzir o QU-*in situ* logo nos primeiros estágios de aquisição e esta é a estrutura interrogativa preferida por elas - em média 81,6% (HAMANN, 2006, p. 162) e 88,2% (BECKER; GOTOWSKI, 2015, p. 5). No entanto, esta forma não é a mais produtiva na fala adulta - totalizando 5% (ZUCKERMAN, 2001, p. 101) e 16,6% (BECKER; GOTOWSKI, 2015, p. 5), gerando uma assimetria entre fala infantil e adulta.

Uma outra possibilidade para explicar os dados, e que nos parece a mais provável, seria considerar o QU-movido e o QU-*in situ* estruturas não completamente opcionais. Segundo esta abordagem, o QU-*in situ* estaria sujeito a restrições sintáticas, fonológicas e pragmáticas que o diferenciam do QU-movido. Uma delas, discutida mais recentemente na literatura, é o fator pragmático a que o QU-*in situ* parece estar sujeito. Vários autores defendem que seu uso está restrito a contextos marcadamente pressupositionais e, por isso, elas não podem aparecer em situações *out-of-the-blue*, isto é, em contextos sem qualquer antecedente, seja ele discursivo ou extralinguístico, diferente do QU-movido, que seria uma estratégia interrogativa mais neutra da língua (PIRES; TAYLOR, 2007; DEROMA, 2010; VIEIRA, 2018). Nesse sentido, em um primeiro momento da aquisição, as crianças, na linha do que propõe Zuckerman (2001), podem não ser sensíveis a essas restrições discursivas e, diante da diferença entre as estratégias, optam pela opção mais neutra da língua e que pode ser produzida em todos os contextos, a saber, o QU-movido.

## Referências

- BECKER, M; GOTOWSKI, M. Explaining children's wh-in situ questions: Against economy. *Proceedings of the 39th annual Boston University Conference on Language Development* [BUCLD 39]. 2015.
- CHANG, Hsing-Wu. The Acquisition of Chinese Syntax. In: *Language Processing in Chinese*. CHEN, H.C.; TZENG, O. J. L. (ed.), Elsevier, 1992. pp. 277-311.
- GUASTI, Maria Teresa. An excursion into interrogatives in early English and Italian. In: FRIEDEMANN, Marc-Ariel; RIZZI, Luigi (org.). *The acquisition of syntax: Studies in comparative developmental linguistics*, Routledge, 2000. pp. 105-28.
- DEROMA, Cynthia Levart Zocca. *Divide et Impera—Separating Operators from their Variables*. Tese de doutorado, University of Connecticut, 2010.
- GROLLA, E. *Aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. Dissertação de mestrado, Campinas: UNICAMP, 2000.
- GROLLA, E. Speculations about the Acquisition of Wh-Questions in Brazilian Portuguese. *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*, Alemanha: Mouton deGruyter, 2009.
- HAMANN, Cornelia. Speculations about early syntax: The production of wh-questions by normally developing French children and French children with SLI. *Catalan Journal of Linguistics* v. 5, pp. 143-89, 2006.
- KATO, Mary Aizawa. *Dislocated and in-situ wh-questions in Brazilian Portuguese*. Trabalho apresentado no Symposium on Spanish and Portuguese, UC Santa Barbara, 2004.
- KATO, Mary Aizawa. *Deriving “wh-in-situ” through movement in Brazilian Portuguese*. Information structure and agreement 177, John Benjamins Publishing Company, pp. 175-91, 2013.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. *Aquisição de constituintes-QU em dois dialetos do português brasileiro [Acquisition of wh-constituents in two dialects of Brazilian Portuguese]*. Master Thesis, Unicamp, Brazil, 2003.
- LI, Lulu. *Discourse-conditioned wh- in situ in L1 Francilian French and as acquired by advanced English and Mandarin-speaking learners*. 2021. Tese (doutorado em filosofia) - French Studies, University of Toronto, 2021.
- LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do Português*. 1996. 210 f. Tese (doutorado em linguística) - Departamento de Linguística, Unicamp, 1996.
- MACWHINNEY, Brian. The CHILDES Project: Tools for analyzing talk. transcription format and programs. Vol. 1. *Psychology Press*, 2000.
- PIRES, A.; TAYLOR, H. *The syntax of wh-in-situ and common ground*. Proceedings from the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society, v. 43, n. 2, Chicago Linguistic Society, pp. 201-15, 2007.
- SANTOS, Raquel Santana. *Projeto de Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro*. FAPESP 2003/13565-4, 2005.

SIKANSI, Nilmara Soares. As interrogativas-Q na gramática infantil do PB. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 36, pp. 85-103, 1999.

SILVEIRA, Victor Luiz. *A Emergência de Estruturas A-Barra no Contexto da Aquisição do Português Brasileiro como Língua Materna*. 2011. 256 f. Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

OUSHIRO, Lívia. Análise sociolinguística da posição variável do constituinte interrogativo. *Revista da ABRALIN*, v. 11, n. 2, pp. 43-87, jul./dez. 2012.

YANG, Charles. For and against frequencies IN *Journal of Child Language*. Cambridge University Press, v. 42, pp. 287-93, 2015.

VIEIRA, Clariana. O constituinte-QU in situ no português brasileiro infantil. 2018. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ZUCKERMAN, Shalom. *The Acquisition of "Optional" Movement*. 2001. Tese de Doutorado. Boston, Massachusetts, 2001.